

Olhe para mim: você sabe quem eu sou?

Look at me: do you know who I am?

Elza Machado de Melo¹

RESUMO

A violência é dos mais graves problemas de saúde da atualidade e assume especial importância em se tratando de adolescentes, entre os quais representa a principal causa de morte e adoecimento. O objetivo deste trabalho é estudar o comportamento violento entre adolescentes do Aglomerado Urbano Morro das Pedras e a sua relação com o contexto em que vivem. A metodologia, qualiquantitativa, é composta de dois procedimentos, questionários autoaplicáveis e grupos focais. Os resultados mostraram que 31,0; 21,2; e 11,2% dos adolescentes de 10 a 14 anos, respectivamente, já bateram ou feriram alguém ou praticaram alguma violência. Esses percentuais para os adolescentes de 15 a 19 anos de idade foram de: 23,2; 28,4 e 32,6%, respectivamente. Os dados mostraram também que entre 10 e 14, e 15 e 19 anos de idade, respectivamente, 53,4 e 68,5% possuíam alguém desempregado em casa; e 23 e 40,1% trabalhavam. Entre os adolescentes de 10 a 14 anos, 18,3; 15,7 e 34,5% já apanharam em casa até ficarem machucados; apanharam na rua; e conviveram com brigas muito frequentes na família. Entre os de 15 a 19 anos, esses percentuais subiram para 20,8; 20,4; e 36,9%, respectivamente. Os dados revelaram também que os adolescentes são vítimas da exclusão social, do preconceito, da violência institucional e da violência do tráfico. Conclusão: os comportamentos violentos relacionaram-se significativamente com o contexto de vida em que viviam, o que é amplamente corroborado pela literatura, portanto, mais do que ninguém, precisam de cuidados e merecem receber novo olhar.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Saúde.

ABSTRACT

Violence is the most serious health problem today and of particular importance when dealing of adolescents, among whom it is the main cause of death and illness. The objective of this paper is to study the violent behavior among adolescents in the Aglomerado Urbano Morro das Pedras and its relationship with the background in which they live. The qualitative-quantitative methodology is composed by two procedures: self applicable questionnaires and focus groups. The results showed that 31,10%; 21,2%; and 11,2 % of the adolescents aged from 10 to 14, respectively, have beaten or wounded someone or practiced some kind of violence. These percentages for adolescents from 15 to 19 years old was: 23,2%; 28,4%; and 32,6%, respectively. The data also showed that between 10 to 14, and 15 to 19 years old, respectively, 53,4% and 68,5% had someone unemployed at home; and 23% and 40,1% also worked. Among the adolescents from 10 to 14 years, 18,3%; 15,7% and 34,5% have already been beaten to wound at home; have been beaten on the streets; and lived with very frequent quarrels in the family. Among those aged 15 to 19, these percentages went up to 20,8%; 20,4 %; and 36,9%, respectively. The data also revealed that the adolescents are victims of social exclusion, prejudice, institutional violence and traffic violence. Conclusion: the violent behavior is significantly related to their life background, which is widely proved by the literature, therefore, they need care and deserve further consideration more than anyone.

Key words: Adolescence; Violence; Health.

¹ Doutora em Medicina Preventiva e Social. Professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais - DMPS/FM/UFMG. Coordenadora do Núcleo de Promoção de Saúde e Paz/DMPS/FM/UFMG, Belo Horizonte, MG - Brasil.

Recebido em: 19/05/2010
Aprovado em: 04/06/2010

Instituição:
Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG

Endereço para correspondência:
Av. Alfredo Balena, 190 - Sala: 810
B: Santa Efigênia
Belo Horizonte, MG - Brasil
CEP: 30.130.100
Email: elzamelom@medicina.ufmg.br

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS)¹ reconhece que a violência provoca por ano a morte de mais de 1,6 milhão de pessoas e mais de 16 milhões de internações hospitalares. Os dados no Brasil também são contundentes, isto é, em 2006 morreram 49.704 pessoas por homicídio e 37.249 por eventos no trânsito; entre 1990 e 2006, 665.199 foram a óbito por homicídios; 111.302 por suicídio e 515.685 por acidentes e violências no trânsito e nos transportes, perfazendo 1.292.186 mortes. De 1990 a 2007 foram registradas 7.309.607 internações por causas externas.² A gravidade da situação é evidente e, apesar disso, ela só representa a ponta do *iceberg*, pois a esses números correspondem outros menos visíveis^{3,4,5} envolvendo lesões leves que não demandam cuidados de saúde nem são notificadas ou que permanecem ocultas, em virtude dos padrões culturais ou dos vínculos existentes entre vítima e agressor, como é o caso da violência doméstica⁶, ou em virtude do medo, quando está envolvido o tráfico de armas e de drogas. Existem ainda aquelas condições que são difíceis de medir e até mesmo de perceber, como a violência psicológica.³ É grande, portanto, o impacto da violência na saúde individual e nos serviços de saúde e sociedade, acumulando danos de toda ordem, físicos, psicológicos, econômicos e sociais.

Os adolescentes são muito vulneráveis a essa situação. As causas externas são as maiores responsáveis pelas mortes nessa faixa etária, representando 67 a 70% do total.⁷ A adolescência, se comparada com outras faixas etárias, ocupa posição de destaque em relação às mortes por homicídios, sendo de 45,6/100.000 habitantes em 2006, atrás apenas da faixa etária entre 20 e 29 anos.⁸ As internações por causas externas ocuparam, em 2007⁹, a primeira posição, excetuadas as condições relativas a gravidez, parto e puerpério. E se se considerar o conjunto das violências que se disseminam pelo cotidiano, então o impacto no adolescente é ainda mais forte, pois, contraditoriamente ao fato de estarem numa fase da vida que demanda o estabelecimento de relações saudáveis com o mundo, sofrem os efeitos das formas estruturais de violência, que comprometem o seu futuro e impedem a realização do seu potencial criativo.¹⁰ São os adolescentes os mais diretamente acometidos pela falta de qualidade do ensino e pelo despreparo da escola em lidar com práticas violentas como o *bullying*, a exclusão, o preconceito.^{11,12} São ainda

vítimas de exploração sexual, do turismo sexual, da violência doméstica nas suas várias formas, inclusive de abuso sexual, e vítimas preferenciais da violência na comunidade e policial.^{8,10}

O objetivo deste trabalho foi investigar os comportamentos violentos entre adolescentes do Aglomerado Urbano Morro das Pedras, em Belo Horizonte, relacionando-os ao contexto em que vivem. Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

METODOLOGIA

Trata-se de estudo quali-quantitativo composto de dois procedimentos metodológicos, a saber, questionários autoaplicáveis e grupos focais, realizado em 2008, em quatro escolas públicas do Aglomerado Urbano Morro das Pedras, em Belo Horizonte. Participaram os adolescentes definidos pela OMS como pessoas incluídas na faixa etária entre 10 e 19 anos. A amostra referente aos questionários foi representativa de cada escola e calculada com erro de 5%. Quanto aos grupos focais, foram realizados seis em cada escola, um por turno – manhã, tarde e noite – e por faixa etária – de 10 a 14 anos e 15 a 19 anos. O questionário foi elaborado pela equipe do Núcleo de Promoção de Saúde e Paz do Departamento de Medicina Preventiva e Social (DMPS) da Faculdade de Medicina (FM) da UFMG e testado com adolescentes de diferentes idades, na forma de entrevista individual sobre seu entendimento acerca de cada uma das questões. Os questionários foram aplicados em turmas de cada turno, selecionadas por sorteio. Para sua análise, foi utilizado o SPSS. O grupo focal, conduzido segundo roteiro previamente estabelecido, foi organizado a partir do recrutamento de alunos voluntários oriundos das diferentes turmas existentes em cada turno. As informações dos grupos focais foram gravadas, transcritas e analisadas a partir de categorias geradas pela confluência dos achados empíricos com as premissas teóricas do estudo, no presente caso, relacionadas principalmente à discussão do contexto na produção da violência.

RESULTADOS

Serão apresentados os dados quantitativos originados pelos questionários autoaplicáveis e as infor-

mações geradas pelos grupos focais. Os dados qualitativos serão incorporados diretamente à discussão.

Foram aplicados ao todo 580 questionários, mas houve perdas aproximadas de 10%, decorrentes, principalmente, do fato de terem participado algumas pessoas com mais de 19 anos de idade. Responderam ao questionário 233 adolescentes da faixa etária de 10 a 14 anos e 290 de 15 a 19 anos, perfazendo o total de 523 adolescentes. Foram 44,8 e 55,2% dos gêneros masculino e feminino, respectivamente. Os dados sobre a escolaridade dos genitores revelaram que 8,8 e 10,9; e 2,1 e 1% dos pais e das mães, respectivamente, nunca frequentaram a escola e nunca chegaram ao nível superior. Do total de adolescentes, 50 e 79,1% moravam, respectivamente, com o pai e com a mãe. Os resultados sobre os percentuais referentes às variáveis estudadas relativas às condições de vida existentes e aos comportamentos violentos adotados pelos adolescentes estão nas Tabelas 1 e 2.

Foram encontradas várias associações estatisticamente significativas entre comportamento violento e condições de vida ou contexto em que viviam os adolescentes, algumas delas mostradas nas Tabelas 3 e 4.

DISCUSSÃO

Para a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, a sociedade deve ser concebida segundo dois âmbitos, mundo da vida, representado pela esfera privada e pela esfera pública, e sistema, representado pela economia e pelo poder administrativo. O Núcleo de Promoção de Saúde e Paz do DMPS/FM/UFMG adota essa teoria, em especial a tese da colonização do mundo da vida pelo sistema para explicar a violência tão fortemente presente nas sociedades contemporâneas. Os processos interativos mediados pela linguagem entre sujeitos, que se reconhecem reciprocamente, são, segundo essa tese, substituídos pelos imperativos sistêmicos operados por meio do dinheiro e do poder. Na lógica econômica capitalista, o trabalho que é *praxis* criadora se transforma em *praxis* alienante,¹³ produzindo exploração, subordinação, degradação humana e ambiental. Na lógica do poder e da dominação, o cidadão transforma-se em cliente e a invasão do mundo da vida por essas lógicas provoca, no primeiro caso, a disseminação, na esfera privada, do individualismo possessivo, da competição, da lógica da produtividade; no outro caso, provoca a perda, na esfera pública,

Tabela 1 - Variáveis relativas às condições de vida dos adolescentes de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos de idade

Variáveis	Faixa Etária (anos)							
	10 a 14				15 a 19			
	Sim	%	Não	%	Sim	%	Não	%
Alguém da casa já abandonou a família?	51	22,9	172	77,1	77	26,8	210	73,2
Tem alguém desempregado na casa?	118	53,2	104	46,8	198	68,5	91	31,5
Já procurou trabalho alguma vez?	83	37,7	137	62,3	243	84,1	46	15,9
Trabalha atualmente?	50	23,0	167	77,0	115	40,1	172	59,9
Já se machucou no trabalho?	20	27,4	53	72,6	45	24,6	138	75,4
Tem alguma pessoa para quem conta seus problemas?	167	77,0	50	23,0	207	71,4	79	27,6
Já se sentiu rejeitado alguma vez?	105	47,9	114	51,1	168	60,2	111	39,8
Já foi assaltado no bairro onde mora?	20	9,0	203	91	34	11,9	251	88,1
As pessoas brigam muito na sua família?	76	34,5	144	64,6	104	36,9	178	63,1
Já apanhou em casa até ficar machucado?	40	18,3	179	81,7	59	20,8	224	79,2
Já apanhou na rua?	35	15,7	188	84,3	58	20,4	226	77,9
Tem medo de andar no seu bairro?	89	40,1	133	59,9	103	35,5	179	63,5
Já foi obrigado a fazer sexo com alguém?	5	2,3	214	97,7	8	2,8	278	97,2
Já fez sexo em troca de alguma coisa?	2	0,9	217	91,9	14	4,8	275	95,2
Você se sente seguro na escola?	92	42,2	126	57,8	103	35,5	179	63,5
Viu alguma situação de violência perto de sua casa?	150	67,6	72	32,4	226	79,3	59	20,7
Você acha que palavras podem ofender?	206	92,8	16	7,2	277	96,2	11	3,8
Já foi ofendido com palavras?	172	78,5	47	21,5	251	87,8	35	12,2

dos processos discursivos de formação da opinião e da vontade. Dessa forma, com os meios de controle sistêmicos substituindo as práticas comunicativas da esfera privada e da esfera pública, ficam comprometidos os processos cotidianos pelos quais os atores sociais se reconhecem reciprocamente como sujeitos; os processos pelos quais produzem poder comunicativo e interferem como cidadãos na tomada de decisão e de formulação de políticas públicas; e, ainda, a reprodução simbólica do mundo da vida, surgindo, então, as patologias sistemicamente induzidas, a saber, a perda de sentido, anomia, psicopatologias e alienações, com todas as suas consequências.^{14,15,16} Nesse entendimento, esse predomínio absoluto do mercado e da dominação sobre a vida dos indivíduos e grupos sociais é por si violência que reedita a violência num ciclo vicioso quase impenetrável, aplicável a todos os extratos sociais das sociedades contemporâneas.^{17,18,19} A Tabela 1 é o retrato da descrição da colonização do mundo da vida, ou será que ninguém mais se importa ou se espanta com o fato de que 23 e 40,1% de **meninos** que têm entre 10 e 14 e 15 e 19 anos de idade, respectivamente, trabalham? Pior, a violência nas relações de tra-

balho, que se mostra pela inserção precoce do adolescente na atividade laboral e se associa à exposição a vários riscos¹⁰ mostra-se também pela inexistência de oportunidades de trabalho^{9,20}, como se pode ver pelo fato de que apenas a metade dos que procuraram emprego o encontrou e pela cifra impressionante de adolescentes que têm alguém desempregado na família. É a violência da exclusão social que acompanha *pari passu* a história do nosso país²¹ e que, de tão cotidiana, nossos olhos gastos já não mais conseguem ver - exclusão que se repete sistematicamente todos os dias, em todos os lugares:

Porque é o seguinte... eu acho o seguinte, o que a gente é mais ofendido é porque esse lugar igual eles falam é mal falado... ou então o seguinte, se tem uma pessoa e tal e some qualquer coisa, pode tá o mundo todo e se você tiver e se você for desse lugar eles vão culpar você, entendeu? Esse que é o problema, porque, quer dizer tudo você é culpado. Você é ofendido praticamente em todas as áreas, tudo é você, tudo é você, porque você é de lá, lá é isso, lá é isso... isso também é muito... (fala de adolescente).

Tabela 2 - Comportamento dos adolescentes relativos à violência, segundo a faixa etária

Variáveis	Faixa Etária (anos)							
	10 a 14				15 a 19			
	Sim	%	Não	%	Sim	%	Não	%
Já fugiu de casa?	12	5,4	210	94,6	34	11,8	254	88,2
Bateu em alguém nos últimos 6 meses?	69	30,9	154	69,1	66	23,2	218	75,2
Já praticou algum tipo de violência?	25	11,2	193	88,5	84	32,6	174	67,4
Já feriu alguém?	47	21,2	175	78,8	73	28,4	184	71,6
Tem algum tipo de arma?	6	2,8	212	95,1	36	12,6	249	87,4
Usou a arma nos últimos 6 meses?	-				17	5,9	253	94,1
Judiou de algum animal nos últimos 6 meses?	29	13,2	190	86,4	64	22,1	225	77,9
Já obrigou alguém a fazer sexo com você?	3	1,3	216	96,6	3	1,0	286	99,0
Usou drogas nos últimos seis meses?	9	4,1	209	95,4	54	20,9	204	79,1
Ofendeu alguém com palavras nos últimos 6 meses?	89	40,6	130	59,4	171	59,8	115	40,2
Situações								
Se o livro desaparecer, uso a força para tê-lo de volta	16	7,2	203	92,7	12	4,2	277	95,8
Se tenho um colega que me irrita, parto logo para a briga	20	9,2	197	90,8	29	10,3	252	89,7
Numa confusão, chamo meus amigos para não apanhar	47	21,1	172	79,5	51	18,1	239	81,9
Diversões arriscadas								
Sair para beber	3	1,4	218	98,8	48	16,7	239	83,3
Usar drogas					19	6,6	267	93,4
Inventar brincadeiras perigosas	9	4,1	212	95,9	13	4,5	274	95,5
Brigar	24	10,8	197	89,1	6	2,1	281	97,9
Sair com os amigos para zonear	11	5,0	210	95,0	34	11,8	253	88,2

Tabela 3 - Algumas associações estatisticamente significativas para faixa etária 15 a 19 anos

Já praticou violência?	Sim	%	Não	%	p
Gênero					
Masculino	51	38,9	80	61,1	0,020
Feminino	33	26,1	93	73,9	
Já se machucou no trabalho?					
Sim	20	47,6	22	52,4	0,040
Não	31	23,8	99	76,2	
Apanhou em casa até ficar machucado?					
Sim	29	52,7	26	47,3	0,000
Não	53	26,9	144	73,1	
Já apanhou na rua?					
Sim	27	50	27	50	0,020
Não	56	28	144	72	
Você já viu alguma situação de violência próximo da sua casa?					
Sim	78	38,2	126	61,8	0,000
Não	5	10	45	90	
Já feriu alguém?					
Tem alguém desempregado em casa?					
Sim	57	32,60	118	67,40	0,023
Não	16	19,75	65	79,25	
Já se machucou no trabalho?					
Sim	17	40,48	25	59,52	0,015
Não	30	23,25	99	76,74	
Já se sentiu rejeitado alguma vez?					
Sim	52	34,67	98	65,33	0,015
Não	21	21,20	78	78,80	
Apanhou em casa até ficar machucado?					
Sim	27	49,10	28	50,90	0,000
Não	46	23,46	150	76,54	
Já apanhou na rua?					
Sim	24	44,44	30	55,56	0,004
Não	49	24,62	150	75,38	
Já viu alguma situação de violência próximo da sua casa?					
Sim	63	31,20	139	68,80	0,038
Não	9	17,65	42	82,35	
Tem alguma arma?					
Gênero					
Masculino	26	18,60	114	81,40	0,003
Feminino	10	6,90	134	93,10	
Já se machucou no trabalho?					
Sim	11	26,20	31	73,80	0,011
Não	14	10,14	124	89,86	
Já apanhou na rua?					
Sim	14	24,60	43	75,40	0,005
Não	22	9,90	201	90,10	

Tabela 4 - Algumas associações estatisticamente significativas para faixa etária 10-14 anos

Já praticou violência?		Sim	%	Não	%	p
Viu alguma situação de violência próximo da sua casa?						
Sim		25	17,0	122	83	0,000
Não		0	0	70	100	
Já feriu alguém?		Sim	%	Não	%	p
Alguém da casa já abandonou a família?						
Sim		17	33,33	34	66,7	0,015
Não		30	17,54	141	82,5	
Já procurou trabalho?						
Sim		25	30,10	22	69,90	0,012
Não		22	16,18	114	83,80	
Trabalha atualmente?						
Sim		18	36,00	32	64,00	0,030
Não		27	16,25	139	73,75	
Já se sentiu rejeitado alguma vez?						
Sim		7	58,30	5	41,70	0,009
Não		19	20,43	74	79,60	
Já foi assaltado no seu bairro?						
Sim		8	40,00	12	60,00	0,036
Não		39	19,30	163	79,70	
Você se sente seguro na escola?						
Sim		13	14,28	78	85,70	0,033
Não		32	25,40	94	74,60	
Viu alguma situação de violência próximo da sua casa?						
Sim		38	25,33	112	74,70	0,022
Não		9	12,80	62	87,20	
Já foi obrigado a fazer sexo com alguém?						
Sim		4	80,00	1	20,00	0,007
Não		41	19,25	172	80,75	
Tem alguma arma?		Sim	%	Não	%	p
Gênero						
Masculino		6	7,05	79	92,95	0,003
Feminino		0	0	130	100	
Usou drogas nos últimos 6 meses?		Sim	%	Não	%	p
Trabalha?						
Sim		5	10,00	45	90,00	0,034
Não		4	2,43	160	97,57	

Múltiplas exclusões. *Se sai uma pessoa aqui do Aglomerado e vai lá pra... pro Buritis, entendeu, a maioria das pessoas lá só de vê passando na rua... é perigoso... Nenhum cuidado, nenhuma racionalidade, só violência, essas pessoas são muito cismadinha, sabe que é periferia, trabalha lá no programa primeiro emprego... E mesmo quando existem tentativas de dissimular a gente fica excluído, a gente vê o preconceito. Esses adolescentes são vítimas também da vio-*

lência institucional, perversa, contraditória, porque exercida por aqueles que deveriam impedi-la.²² Eles deixam a gente irritados pra terem um motivo pra dar tapa na gente à-toa. Igual eles fazem toda hora. Todo cara que eles pegam dão tapa à-toa e ninguém fala nada (fala de adolescente). E do crime organizado, no dizer de Zaluar,^{9,23} essa nova agência socializadora, que por meio de violência física - aqui a gente ou mata ou morre - se impõe sobre os moradores de

bairros e favelas e tem força para definir e orientar comportamentos, muitas vezes legitimada pela comunidade e pelo adolescente:

Olha só... eu não acho que o tráfico seja o causador de guerra, porque tipo assim, tem muitas pessoas que só tá a fim de ganhar dinheiro, sacô? Assim como um empresário ganha dinheiro sentado na cadeira...

Agora me responde uma coisa: quem que controla o tráfico? Porque tráfico não é feito só com bandidos não, entendeu? Tem vez que cai armas na mão dos traficantes que nem polícia tem ainda! Isso quer dizer o quê? Quer dizer que vem coisa de gente grande, lá pra cima... coisa... político... nego tem dinheiro!

Cê quer dizer então que essa gente grande não é traficante não? Do mesmo jeito!

E o que dizer do percentual de adolescentes que apanharam na rua? É verdade, o fenômeno ultrapassa as fronteiras nacionais: pesquisa realizada em 2005, nos Estados Unidos, sobre comportamento de risco entre jovens, mostra que 9,2% dos estudantes do ensino médio dos Estados Unidos já haviam apanhado, levado tapas ou sido machucados pelo namorado ou namorada; 35,9% deles tinham participado de lutas físicas e 3,6% se machucaram nessas lutas a ponto de necessitarem de cuidados de médicos ou enfermeiros.²⁴ Violência que reedita violência:

Violência gera violência. Revide vira revide. Por isso é que a violência cresce tanto. Geralmente, quem apanha corre atrás, nunca sozinho, mas leva outras pessoas e junta uma turma de um lado e outra do outro. Sempre vai levando mais pessoas para a violência (fala do adolescente).

Outra pesquisa realizada no Chile - dentro de estudo internacional organizado pela OMS, o *Global School-based Health Survey (GSHS)* - mostrou que 46,6% dos estudantes foram vítimas de *bullying* no mês anterior ao estudo.²⁵ Este trabalho não abordou essa questão, mas não seria lícito supor a relação desse fenômeno com o alto índice de adolescentes (42,2 e 35,5%) que se sentem inseguros na escola? Uma questão muito importante é o fato de 23 e 27,6% dos adolescentes de uma e outra faixa etária, respectivamente, não terem uma pessoa com quem conversar e em quem confiar, quando se sabe que se se tem pelo menos um vínculo social adequado ele pode ser fator de proteção contra comportamentos desviantes.²⁶ A situação familiar não

é menos comprometedora, abandono (22,9 e 26,8%), meninos que apanham até ficarem machucados (18,3 e 20,4%), brigas frequentes na família (18,3 e 20,8%):

“Eu apanhei do meu irmão, sabe? Ele bateu em mim até que eu chegasse a desmaiar. Aí ele falava com o meu pai, meu pai falava que ele estava certo, sabe? Aí meu pai dava permissão pra ele, né? Bater na gente que era de menor e às vezes pra gente fazer alguma coisa dentro de casa, até lavar roupa, passar roupa pra eles. Até minha mãe mesmo muitas vezes foi espancada pelo meu pai. Todo mundo lá de casa é assim... um pouco nervoso, sabe? Arruma confusão à-toa. Só por causa disso. Da violência que o meu pai fez com a minha mãe (Grupo focal, fala de adolescente).

Os maus-tratos de crianças e adolescentes podem causar danos futuros, entre os quais psicopatologias, problemas de saúde na vida adulta e vitimização da próxima geração.⁶ Segundo a OMS,²⁷ a exposição à violência durante a infância se associa à *vitimização violenta e exercício da violência, depressão, obesidade, tabagismo, comportamento sexual de risco, gravidez indesejada, uso de álcool e drogas*. E os meninos do Morro das Pedras sabem bem disso: *a violência começa dentro de casa, às vezes o pai agredir o filho, o próprio filho agredir o pai, a mulher, a irmã.*

Por fim, dois outros aspectos precisam ser ainda discutidos. O primeiro deles diz respeito à forte presença da violência física aberta na vida dos adolescentes, 67,6 e 79,3% deles já presenciaram situações de violência perto da sua casa, números frios, relativizáveis, não fossem os relatos dos adolescentes com toda a sua crueza: *a rua lá de cima... tá em guerra... a gente não pode nem sair na rua...*

Quando eu jogava com o X, tipo assim, eu tava sentado no beco perto da minha casa, os cara subiu armado perguntou por ele, subiu lá pra cima da Dez, desceu e pegou o cara no campo. Aonde que eles tava passando ali, se trombar trombou, não tem um lugar mais perigoso do que outro, o cara pode tá entrando dentro da igreja que leva tiro!

Tipo assim, igual eu tava falando que tem lugares que é mais perigoso é por isso, igual a Rua Dez, tá em guerra com a lojinha, se a gente for pra Dez, se o cara não conhece a gente, pensa: ela é da lojinha e tá trazendo recado, vai lá e... entendeu... faz isso com pessoa até inocente, leva bala.

O outro aspecto refere-se ao papel da violência verbal que, ao contrário de ser desprovida de impacto em um mundo tão violento, como se poderia pensar pelo senso comum, tem papel central na geração de todo tipo de violência, como ilustram as falas dos meninos do Morro: *é, uma simples palavra gera a morte. Palavra gera violência...* E descrevem com calma a situação: ameaças, xingamento, acusações indevidas, medo, vingança - *vou matar ela [a pessoa] antes que ela me mate.*

Depois de tudo, não seriam os dados da Tabela 1 simples anúncio dos dados da segunda Tabela sobre comportamentos violentos? Esse é o exato sentido das associações estatisticamente significativas e das falas dos adolescentes apresentadas, pois qual é a lógica de se esperar que a formação de sujeitos traga frutos diferentes dos processos segundo os quais foram socializados e que os constituíram como tais?^{28,29,30} E, ainda assim, muitos resistem a sucumbir de vez aos apelos e comandos! A colonização do mundo da vida pelo mercado e pelo poder – incluem-se aí, na vida dos adolescentes do Morro das Pedras, as dificuldades de sobrevivência, a exclusão, o preconceito, a violência interpessoal, a violência institucional, o tráfico – faz com que a violência passe à condição primeira de mediação das relações estabelecidas. Sua presença permanente marca a vida das pessoas, constroi as suas personalidades, define os seus caminhos e produz uma nova cultura, uma nova concepção, um novo jeito de se relacionar com o outro - a violência tem agora o papel de norma.

Questão de você viver num lugar onde a maioria da sua vida é... tipo assim, você viveu a maioria da sua vida onde só rola tiros, uma hora você acaba se acostumando, sô. Igual lá na rua, antigamente vivia cheio de gente assim, dava um tiro e rapidinho espalhava todo mundo, agora tá dando tiro ali na frente tem gente andando com toda calma pra cá, não vai pra lá, mas vem pra cá, não tem aquele desespero mais. Com o tempo você acaba se acostumando.

Suas leis devem ser seguidas por todos – *a violência tem regras que a gente tem de seguir.* Processo brutal de reificação, que goza de legitimidade porque assume ante os olhos dos adolescentes a feição de natureza: *é instinto humano...* *O cara foi lá e matou ele. E aí, o que que aconteceu? A família dele foi e vingou. Vai matando... Passa de filho para pai, de pai*

para filho. E, mais importante, rouba deles qualquer possibilidade de saída: *não adianta.*

Para concluir, resta dizer que essa situação tão indevassável ao olhar do adolescente não precisa de fato ser assim – é só lembrar que, segundo nossa orientação teórica, essa situação tem início com a supressão das interações linguisticamente mediadas, na qual todos se reconhecem como sujeitos, autênticos portadores de competências, direitos e vontades. De forma muito perspicaz, os próprios adolescentes perceberam, a perda dessa intersubjetividade reciprocamente reconhecida pelo simples uso inadequado da palavra pode levar a lugares impensáveis de violência. O que dirá, pela miséria, exclusão, domínio absurdo e desigual... Por outro lado, a simples retomada de práticas tão cotidianas, que se confundem com o próprio homem e sua história, disponíveis a todos sem exceção desde tempos imemoriais, podem estar na raiz da solução e impedir, de modo preventivo, a escalada para situações completamente fora de controle. Não vale a pena inaugurar um novo olhar?

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Preventing violence and reducing its impact: how development agencies can help. France: WHO; 2008.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Datasus. Indicadores e dados básicos 1998 a 2007 [Citado em 2010 maio 20]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2008/matriz.htm>
3. Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde do brasileiro. Brasília: Editora MS; 2005
4. Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Violência: uma epidemia silenciosa. Brasília: Conass; 2007. Conass Documenta 15.
5. Organização Mundial de Saúde. Organização Panamericana de Saúde. Informe mundial sobre la violencia y la salud. Washington: OPAS; 2003.
6. Prinz RJ, Sanders MR, Shapiro CJ, Whitaker DJ, Lutzker JR. Population-based prevention of child maltreatment: The U.S. Triple P System Population Trial. *Prev Sci.* 2009; 10:1-12.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Datasus. Indicadores e dados básicos 1995 a 2006. [Citado em 2010 maio 20]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2008/matriz.htm>
8. Brasil. Ministério da Saúde. Datasus. Indicadores e dados básicos: 2006. DATASUS. 2006. [Citado em 2010 maio 20]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2008/matriz.htm>
9. DATASUS. Brasil. Ministério da Saúde. Datasus. Indicadores e dados básicos: 2007. [Citado em 2010 maio 20]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2008/matriz.htm>

10. Melo EM, Melo MAM, Pimenta SMO, Lemos SMA, Chaves AB, Pinto LMN. A violência rompendo interações: as interações superando a violência. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2007 mar; 7(1):89-98.
11. Assis SG, Deslandes SF, Santos NC. Violência na adolescência. Sementes e frutos de uma Sociedade desigual. In: Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Editora MS; 2005. p.79-105.
12. Camacho LMY. As sutilezas das faces da violência. *Educ Pesq.* 2001; 27:123-40.
13. Marx K, Engels F. A Ideologia alemã. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2007. XLV, 119 p.
14. Habermas J. Teoria de la acción comunicativa. Madrid: Taurus; 1987.
15. Habermas J. Legitimation crisis. Boston: Beacon Press; 1975.
16. Habermas J. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos CEBRAP* 1987; 18:103-14.
17. Santos JVT. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da "modernidade tardia." *São Paulo em Perspec.* 2004; 18(1):3-12.
18. Melo EM, Faria HP, Melo MAM, Chaves AB, Paronetto GM. Projeto Meninos do Rio. mundo da vida, adolescência e riscos de saúde. *Cad Saúde Pública.* 2005; 21:39-48.
19. Melo EM. Podemos prevenir a violência? In: Melo EM, Silveira AM, Faria HP. Podemos prevenir a violência. 2010. No prelo.
20. Melo EM. Ação comunicativa, democracia e saúde. *Cienc Saúde Coletiva.* 2005; (Supl 10): 167-78.
21. Adorno S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias.* 2002; (8):84-134.
22. Machado EP, Noronha CV. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. *Sociologias.* 2002; (7):188-221.
23. Zalar A. Violência extra e intramuros. *Rev Bras Ciênc Soc.* 2001; 16:145-64.
24. Bossarte RM, Swahn MH, Breiding M. Racial, ethnic, and sex differences in the Associations between violence and self-reported health among US high school students. *J School Health.* 2009; 79(2):74-82.
25. Fleming LC, Kathryn C, Jacobsen H. Bullying and symptoms of depression in chilean middle school students. *Prev Sci.* 2009; 10:100-15.
26. Bru E, Murberg TA, Stephens P. Social support, negative events and pupil misbehaviour among young norwegian adolescents. *J Adolesc.* 2001; 24:715-27.
27. World Health Organization. Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence. Geneva: WHO; 2006.
28. Caniato AMP. Violências e subjetividades: o indivíduo contemporâneo. *Psicol Soc.* 2008; 20 (1):16-32.
29. Guimarães SP, Campos PHF. Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicol Refl Crít.* 2007; 20(2):188-96.
30. Porto MSG. Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias.* 2006; (16):250-73.